

A conspiração dos cegos

A eleição presidencial está sendo fraudada, a democracia brasileira é corrompida e, portanto, a reeleição eventual de Fernando Henrique não tem legitimidade nenhuma, principalmente se se der no primeiro turno. Se continuar assim, o PT não se responsabiliza pelo que vier a acontecer no País.

O quadro descrito no parágrafo acima poderia até virar uma tragédia institucional, não apenas para o país em questão, no caso, o nosso Brasil, mas para o próprio contexto continental e até mesmo para a paz reinante no mundo. Afinal, não se trata da afirmação de um bêbado festivo numa mesa de bar, mas do presidente nacional de um partido que tem a pretensão de oferecer à República questionada o chefe de Estado e de governo e, por consequência constitucional, o comandante das Forças Armadas. O problema é que o que José Dirceu e o PT dizem nem sempre dá para escrever. Basta fazer uma visita aos arquivos e verificar o que tem sido falado de bombástico, mas nem sempre verdadeiro, recentemente.

O Partido dos Trabalhadores, ungido pela mística da honestidade de princípios e pela tarefa histórica de resgatar a secular dívida social brasileira, elegeu vários de seus militantes para a Assembleia Nacional Constituinte, convocada pelo presidente José Sarney em cumprimento a promessa feita nas ruas, nos comícios das diretas-já. Sua bancada, composta, entre outros, pelo líder metalúrgico que ajudara a demolir a ditadura militar, Luiz Inácio Lula da Silva, participou das discussões da redação da Constituição da República, ao longo de quase dois anos. Mas, após denunciar o teor "reacioná-



O que pode afastar o PT do Planalto é sua teimosa recusa em ver a realidade que o cerca

rio e elitista" do texto aprovado pela maioria, recusou-se a assinar o documento final. Lá se vão dez anos e o PT, justiça seja feita, não descansou um segundo na luta sem trégua para evitar qualquer mudança do documento que não assinou. Como se vê, o patrono do partido bem que poderia ter sido Assis Chateaubriand, para quem a coerência seria "a virtude dos imbecis".

Mas não se pode acusar o inflamado José Dirceu e seus companheiros de ser incoerentes em tudo. Eles conseguem ser coerentes, pelo menos, no erro. Em 1994, instruído por seu guru econômico de então, o hoje candidato a deputado federal Aloísio Mercadante Oliva, o candidato do partido à Presidência pela segunda vez consecutiva, Luiz Inácio Lula da Silva, demonizou o Plano Real nos palanques. O sucesso da moeda forte e estável, contudo, esmagou suas pretensões e o adversário, Fernando Henrique, foi eleito ainda no primeiro turno.

Candidato novamente, desta vez a terceira consecutiva, na mesma chapa de Leonel Brizola, que já o chamou de "sapo barbu-

do", Lula, confrontado com a evidência absoluta do êxito do Real, resolveu "reformá-lo", já que ficou impossível aboli-lo e negar seus efeitos positivos no bolso e na mesa do trabalhador, que dá nome a seu partido. Mas sua metralhadora giratória continuou disparando a esmo. O adversário satanizado passou a ser apontado como único responsável pelo desemprego e até pela seca no sertão nordestino. Mais grave ainda: estaria provendo o "caixa 2" da própria campanha com os recursos apurados nos leilões da privatização do Grupo Telebrás.

Agora, o PT denuncia uma conspiração contra seu legítimo direito de disputar o segundo turno da eleição presidencial. Fez todo esse barulho porque a TV Bandeirantes divulgou a entrada em sua conta de um cheque de R\$ 10 mil assinado por um construtor beneficiado pela desistência do prefeito petista de São Bernardo do Campo de desapropriar um terreno, em cima do qual não foram construídas casas populares, mas apartamentos de classe média. Um frentista de posto de gasolina teria dificuldade de explicar ao patrão as razões do recebimento do cheque de um terceiro para pagar a conta. Seria natural que um candidato à Presidência também tivesse. No entanto, nem seu adversário acreditou na desonestidade de Lula no episódio.

Mas o PT parece confiar menos do que FHC na inocência de Lula, pois, em vez de dirimir quaisquer dúvidas de forma tranquila e transparente, pediu ao Tribunal Superior Eleitoral a volta da velha bruxa da censura para o noticiário da campanha, sob a presunção de que "a mídia ajuda o presidente". Essa também não é uma atitude muito original: não é a primeira vez que a vigilante patrulha ideológica do PT recorre aos expedientes disponíveis para calar vozes que não recitem de cor os versículos de seus autos-de-fé.

Antes, de nada valera a Paulo de Tarso Wenceslau seu "glorioso" passado na luta armada do lado considerado "do bem" pelo PT. A heresia de expor à luz negócios obscuros, realizados pelo ubíquo advogado, empresário e, sobretudo, compadre de Lula Roberto Teixeira, valeu-lhe a expulsão do partido. Lula e seus companheiros gostariam de recorrer a idêntico expediente para calar a mídia, por eles encarada como encarnação de Satã. Infelizmente, para eles, isso não é lícito.

Enquanto isso, o presidente nacional ameaça não se responsabilizar pelo que vier a ocorrer no País se Lula não disputar o segundo turno. Mas, pelo que acima foi descrito, talvez não seja sensato levar a sério nenhuma ameaça de José Dirceu: a não ser que ele conte com um desembarque de tropas cubanas fiéis a Fidel Castro nas praias do Maranhão, não há muito o que ele e seu partido possam fazer para evitar a posse do presidente, "ilegitimamente" reeleito.

Por enquanto, a única conspiração à vista e com poder de fogo suficiente para afastar o PT do Palácio do Planalto é a da própria teimosia em se recusar a enxergar a realidade que o cerca. E a única arma eficaz para desbaratar essa conspiração de cegos é a luz brilhante da verdade nas ruas e nos lares brasileiros.



■ José Nêumanne, jornalista e escritor, é editorialista do Jornal da Tarde